



DESLOCAMENTOS TRANSITÓRIOS: A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO ENTRE ESTUDANTES GUINEENSES E CABO- VERDIANOS NO BRASIL¹.

Daniele Ellery Mourão

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS\UERJ)

daniellery30@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo pretende examinar a construção do pertencimento, das identidades e das nacionalidades a partir dos resultados de minhas pesquisas (MOURÃO, 2004, 2009) com estudantes guineenses e cabo-verdianos de graduação participantes do PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação) no Brasil. O objetivo é analisar as implicações do trânsito para a subjetividade dos indivíduos na construção do pertencimento e a experiência da saudade como sentimento que constrói identidades, bem como a importância das festas em comemoração à independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde e dia da África, realizadas pelos estudantes no Brasil, como eventos significativos em que eles afirmam e revivem elos afetivos para além da casa e da nação. Para análise, abordo a constituição de redes de relações e interação entre os estudantes em situação de deslocamento e a produção de novas identidades “fora de lugar”. Ressalto a particularidade dos deslocamentos estudantis em relação aos processos migratórios em geral que, por meio dos acordos de cooperação, exigem dos estudantes o cumprimento de metas, sendo a principal delas o retorno ao país de origem para retribuírem o aprendizado adquirido durante o “projeto de formação superior” e assim contribuírem para o desenvolvimento da nação. Dessa forma, tomo como foco de análise a própria percepção dos estudantes sobre os processos de mudanças vivenciados de dois pontos de vistas diferentes: Uns ainda com seus cursos de graduação em andamento, totalmente inseridos no contexto de transitoriedade e outros, já graduados e de volta aos países de origem, com um discurso mais distanciado e elaborado sobre suas experiências de trânsito. Incorporo à discussão novas questões e perspectivas teóricas abertas pela Antropologia das Emoções e pelos Estudos Pós-Coloniais.

INTRODUÇÃO

Com o presente artigo proponho apresentar uma análise acerca das construções de identidades e nacionalidades em processos de *deslocamento transitório*², a partir dos dados de minhas pesquisas com estudantes guineenses e cabo-verdianos de graduação

¹ Trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (Des)Igualdades, realizado entre os dias 07 e 10 de agosto de 2011, Salvador, Bahia, Brasil.

² Utilizo a categoria *deslocamento-transitório* para particularizar a situação vivida pelos estudantes de Guiné-Bissau e Cabo Verde no Brasil, uma vez que este deslocamento comporta uma temporalidade determinada pelo período de duração do curso de graduação.



no Brasil³ (MOURÃO, 2004, 2009). Com base na dimensão subjetiva dos deslocamentos, a análise aborda a maneira como o trânsito afeta os indivíduos e como eles respondem aos processos de mudanças vividos, durante o período “fora de casa” e ao retornarem aos seus países de origem. Ressalto a experiência da “saúde” como um sentimento que constrói identidades, sendo um elo de ligação entre os estudantes “fora de casa” e seus países de origem, e a importância das festas em comemoração à independência e dia da África, realizadas pelos estudantes no Brasil, como eventos significativos de afirmação e manutenção desses elos afetivos para além da família, da casa e da nação.

A primeira pesquisa, de monografia, foi realizada no período de 2001 a 2003 em Fortaleza com estudantes recém-chegados de Guiné-Bissau e de Cabo Verde matriculados em diversos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Tinha o objetivo de analisar as mudanças vivenciadas pelos estudantes – de diferentes etnias, ilhas e nacionalidades – em Fortaleza, durante o período de formação acadêmica, destacando os processos de adaptação e estranhamentos ao novo contexto e a formação de redes de solidariedades entre eles. Já a segunda pesquisa, de mestrado, se concentrou no retorno dos estudantes formados aos seus países de origem e foi dividida em duas etapas. A primeira etapa foi realizada ainda em Fortaleza (Brasil), com estudantes que estavam com seus cursos em andamento, mas já prestes a se graduar, e outra etapa em Praia (Ilha de Santiago - Cabo Verde)⁴ e em Bissau (Guiné-Bissau), com estudantes egressos (de duas gerações diferentes), já graduados em diversas universidades no Brasil, inseridos no mercado de trabalho em seus países de origem. Em razão do contexto e do momento diferenciado que os estudantes vivenciavam durante as duas pesquisas (monografia e mestrado), os primeiros, recém-chegados e entrevistados em Fortaleza, ainda vivendo os processos de mudanças em situação de

³ Os sujeitos da pesquisa integravam o Programa de Estudantes Convênio-Graduação, uma política de cooperação entre o Brasil e países do continente africano – notadamente os Países de Língua Oficial Portuguesa – PALOP³ – e da América Latina. A escolha dos dois países deu-se primeiramente em razão do número mais expressivo de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza no início da pesquisa de monografia, em 2001. Posteriormente, por constatar que ambos os países estabeleceram, desde o período colonial até a tomada da independência, estreitas relações em razão da proximidade geográfica entre eles e estratégicas políticas de união para as lutas de libertação nacional.

⁴ Cabo Verde é um país formado por 10 ilhas: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava. Na Ilha de Santiago, local em que foi realizada a pesquisa de mestrado, está situada a capital do país, Praia.



trânsito, e os segundos, os egressos da segunda etapa da pesquisa de mestrado, já tendo vivido, apresentaram diferenças e semelhanças em seus relatos, sendo os problemas dos estudantes egressos e dos estudantes concludentes em Fortaleza, diferente dos recém-chegados, os que mais se assemelhavam. O que faz do contexto algo bastante relevante na análise que se debruça sobre as formulações dos próprios estudantes acerca de suas diferenciadas experiências de trânsito, dos sentimentos que eles associam à ideia de nação e pertencimento, e à construção de redes de amizade e solidariedade entre eles no Brasil.

Para analisar os sentimentos e discursos expressados pelos estudantes guineenses e cabo-verdianos, parto das perspectivas de Lutz (1988) e de Rosaldo (1984) que rompem com a homogeneidade, afirmando a diversidade das categorias emotivas e a importância do contexto em que são expressadas. Para Rosaldo (1984), analisar as emoções dentro de uma linguagem antropológica implica levar em conta a noção de pessoa para a sociedade estudada. Pois, os problemas que afetam as pessoas nas mais diversas sociedades podem até ser comuns, se pensarmos na recorrência de determinadas emoções em sociedades diferentes (LUTZ & WHITE, 1986), mas as respostas que cada uma delas vai dar para os seus problemas serão totalmente variadas. Essa perspectiva, análoga à de Lutz (1988), afirma a importância do contexto para a expressão de uma dada emoção. Para Lutz (1988), toda sociedade tem um campo de conhecimento – que ela denominou de *etnopsicologia* – para formar um conjunto de saberes que fale da sua própria sociedade, explique o comportamento humano e as variações entre as pessoas. Partindo dessa perspectiva, a subjetividade é aqui entendida no sentido dado ao conceito por Ortner (2005, p. 25) que o define como um conjunto de modos de percepções, afetos, pensamentos, desejos, temores que animam sujeitos atuantes – ou seja, que sentem, pensam, refletem, dão e buscam sentido – sem esquecer ainda, como destaca a autora, as “formações sociais e culturais que modelam e organizam determinadas estruturas de sentimentos” e a íntima vinculação entre subjetividade e poder. E no que se refere à construção das identidades e das nacionalidades em deslocamento enfatizo a importância da questão política presente na afirmação das identidades de grupos, segundo Hall (2002, p. 84), intrínseca ao processo de globalização e que emerge a partir das confrontações culturais globais, podendo,



produzir dois efeitos distintos: ou o fortalecimento das identidades locais ou a produção de novas identidades. O fluxo (trânsito), ao mesmo tempo, que promove uma maior ligação afetiva e de pertencimento (ANDERSON, 1989) com a nação, produz também, na concepção de Hall (2003), um olhar diferenciado para a terra de origem como se esta tivesse se tornado irreconhecível, fazendo questionar uma concepção de identidade essencial, pura, e um sentido fixo de tradição. Será partindo da perspectiva contextualista, que rompe com a ideia da emoção como uma categoria universal, e com isso permite refletir acerca do pertencimento de forma não essencialista, que pretendo analisar os sentimentos expressados pelos estudantes cabo-verdianos e guineenses ao falarem de suas experiências de trânsito.

No que consiste à metodologia da pesquisa, me apropriei do conceito de *rede de relações* (BARNES, 1987) que envolve as relações “interpessoais concretas, que surgem a partir da afiliação a um grupo, vinculando indivíduos a indivíduos por laços de parentesco ou amizade – relação de troca e reciprocidade no sentido dado a esses termos por (MAUSS, 1974). Foi inspirada nesta metodologia, que a partir de um dos estudantes, Manuel Jorge (Zeca)⁵, que cursava comigo a graduação do curso de Ciências Sociais da UFC pude chegar aos outros estudantes e aprofundar o conhecimento em relação a sua rede social em Fortaleza. Como cenário privilegiado para a observação, participei e ajudei na organização de diversas festas realizadas por eles em Fortaleza, frequentei suas casas, tivemos encontros casuais para almoçar e conversar no restaurante universitário (RU) e campus da universidade federal, além da realização de entrevistas formais. Na época, em 2001, eles eram um grupo reduzido composto por dezoito jovens entre 19 e 28 anos, e predominavam os estudantes de Guiné-Bissau e Cabo Verde. O meu contato com os estudantes em Praia e em Bissau, na pesquisa de campo do mestrado, se deu quase que da mesma forma que em Fortaleza. Fui inserida numa grande rede de relações entre diversos estudantes graduados no Brasil por duas estudantes, uma cabo-verdiana (Djanira) e a outra guineense (Vânia), que me hospedaram em suas casas em Cabo Verde e em Guiné-Bissau. Antes de ir, outros

⁵ Manuel Jorge (Zeca), 27 anos, cabo-verdiano, de Praia, capital, situada na Ilha de Santiago. Ingressou no curso de Ciências Sociais da UFC em 2000 e graduou-se em 2005, voltando para Praia em 2007. Durante a pesquisa de campo em Fortaleza, ele ainda estava com o curso de graduação em andamento.



estudantes também me indicaram procurar seus parentes e amigos que tinham feito graduação no Brasil ou em outros países e, assim, uma pessoa levava a outra, chegando a um total de nove estudantes egressos entrevistados em Bissau e onze em Praia.

TRÂNSITO: Saudade, solidariedade e irmandade

O sentimento da saudade é um tema bastante importante por está sempre presente nos relatos da pesquisa como um espaço simbólico do trânsito entre “o aqui e o lá”. Lá está a casa, a família, os amigos, a nação, a língua *crioula*. Fora de Cabo Verde e Guiné-Bissau, no Brasil, eles têm que construir novas redes de amizades, estando pela primeira vez sozinhos sem a proteção familiar num lugar que lhes é estranho. Vão adquirir uma formação acadêmica, entrar em contato com experiências diversas: a universidade, os colegas brasileiros, os professores, os novos colegas de outros países participantes de convênios de graduação, a nova cidade, o clima, a comida, os costumes. Tudo isto possibilita um “trânsito entre fronteiras identitárias” diversas, no sentido dado por Capinha (2000), de identidades que se articulam entre a tradição a que estão referidos e aquela com a qual entram em contato, dando uma dinâmica a seus próprios referenciais culturais.

Entre os estudantes recém-chegados a Fortaleza a “saudade de casa” e a “solidão” eram os sentimentos mais fortemente ressaltados, aliado às dificuldades de adaptação como ficar longe da proteção da família, fazer amigos em Fortaleza, encontrar moradia, entender o “português do Brasil”, e por se sentirem, muitas vezes, discriminados por serem negros e estrangeiros. Florentino⁶, estudante guineense, que durante a pesquisa de monografia estava prestes a concluir o curso, expressou a dinâmica do trânsito, aliado aos processos de adaptação e estranhamento:

Quando você chega, a primeira coisa é a certeza de que você não vai ter nem o seu pai nem sua mãe no outro dia de manhã, né. Vai ter que pegar aquela tristeza e encarar a realidade: ‘Agora estou aqui. Fiz quase dezoito horas de vôo para chegar, não vou ver os meus pais por um bom tempo’. É a primeira realidade que você tem na cabeça: ‘tô aqui, então pronto’. Aí depois você olha o ambiente em que você está: tudo diferente que você não está acostumado. Então, aí você começa a adaptar desde a comida, a tratar as pessoas na rua. Uma coisa bem diferente aqui, as pessoas se encontram e

⁶ Florentino, 31 anos, estudante guineense, do curso de Engenharia de Pesca da UFC. Ingressou no curso em 1998 e durante a pesquisa de campo em Fortaleza (MOURÃO, 2004), ainda estava com o curso em andamento.



passam, não tem assim um: ‘boa tarde’, coisa assim, entendeu? Esse tipo de cumprimento que lá é muito comum: ‘oi tudo bom, boa tarde’. Cada um chega e faz o que tem que fazer, sai e não cumprimenta o outro que está ao lado, ou o outro que chega, o outro que sai. Então esse foi o primeiro problema.

Há uma noção de tempo e espaço colocada por ele, que se refere ao deslocamento geográfico, agora distante de casa e da família. Mas o deslocamento não é apenas geográfico, é também simbólico, implica uma negociação entre referenciais culturais diversos, assim o sentimento de tristeza aparece associado ao sentido de falta, de ausência do apoio dos pais, mas especialmente se refere a uma inconformidade com os diferentes códigos de interação, que não lhes são familiar, como os modos de tratar as pessoas.

Outros relatos (MOURÃO, 2004), especialmente dos estudantes recém-chegados, também expressaram o sentimento de saudade associado a um sentimento de estranhamento, ao difícil processo de adaptação e à solidão. Conheci Hernina⁷, estudante cabo-verdiana, quando havia recém-chegado à Fortaleza. Em seu relato, ela disse que durante os primeiros meses pensou várias vezes em desistir do curso por se sentir muito só, ter poucos amigos e sentir muita saudade da família.

Às vezes eu me sentia muito sozinha, sentia muitas saudades, sentia um vazio, pensava que eu não tinha ninguém, não sabia se ia aguentar ficar aqui, porque as minhas amigas só eram a Cadijatu (Cadi) e a Milena. Eu não queria ficar, e até escrevi pra minha irmã falando como é que eu tava, e aí ela disse que quando chegou em Portugal era a mesma coisa, que é assim mesmo, que todo mundo passa por isso, no início é sempre assim.

Braima⁸ também disse ter se sentido muito sozinho nos primeiros meses e que somente estando perto dos amigos guineenses conseguia amenizar a “saudade de casa”:

Havia um tempo que eu saía atrás do Edson [outro estudante guineense amigo de Braima de Bissau] mesmo que ele estivesse em qualquer lugar. Foi nas férias do semestre passado [primeiro ano do curso]. Eu saía de casa, saía lá pra Pitombeira [barzinho do bairro do Benfica em Fortaleza], se ele não estivesse lá, ia pra 24 horas, se ele não estava lá, tentava ligar pra ele pra saber aonde é que ele estava e ia pra lá. Quer dizer, nessa época eu me sentia muito só. Eu sentia muita saudade da minha família, mas geralmente eu não

⁷ Hernina, 19 anos, estudantes cabo-verdiana, do curso de Odontologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Ingressou no curso em 2003. Quando entrevista em Fortaleza (Mourão, 2004), ainda estava cursando a universidade. Regressou definitivamente ao país antes de concluir o curso.

⁸ Braima, 28 anos, guineense, estudante de Contabilidade FEAC/UFC. Ingressou no curso em 2002 e durante as duas pesquisas, de monografia e mestrado, estava com o curso em andamento.



me sinto só quando estou com o pessoal do meu país. Quando tô com eles, já essa saudade da minha família passa.

Os relatos de Hernina e Braima são análogos a situação analisada por Fonseca (2009, p.36) em sua pesquisa com estudantes angolanos no Brasil, em que ele mostra que a saudade dos familiares entre os estudantes angolanos, “fazia muitos quererem voltar a Angola”. Durante a pesquisa conheci duas estudantes cabo-verdianas que retornaram à Cabo Verde, uma delas, Hernina, logo no início do curso por dizerem se sentir muito sós, não se adaptarem à vida longe de casa e aos diferentes costumes, e por não conseguirem interagir com os colegas de sala brasileiros na universidade.

Ao contrário do caso estudado por Rezende (2008, 2009), em que os estudantes brasileiros de pós-graduação no exterior evitavam restringir o convívio social apenas aos brasileiros, os estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza reforçavam o vínculo entre eles. Juntos, dividiam apartamento, almoçavam no restaurante universitário, conversavam nos intervalos das aulas, saíam para passear sempre em grupos e, juntos, regularmente realizavam eventos e festas para dançar a música, beber, comer a comida de seus países e assim “matar a saudade de casa”. O fato de se sentirem sozinhos, sob condições bastante semelhantes, em contexto de transitoriedade, possibilitava uma grande união entre eles e o desdobramento do sentimento da saudade em um novo sentimento: o de solidariedade. Nesse caso, as diferenças entre eles eram amenizadas como forma de juntos solucionarem os semelhantes problemas cotidianos como estudantes estrangeiros. Matilde⁹ ao discorrer sobre a sua chegada ao Brasil destacou a existência de uma grande solidariedade entre os estudantes cabo-verdianos, dizendo: “se um cabo-verdiano chega em qualquer lugar ele não fica na rua, é só bater na porta: ‘a mi crioulo, a mi cabo-verdiano, jam bem’, cheguei”. Ela mesma, logo que chegou, passou pela experiência de morar com outros estudantes cabo-verdianos que a receberam sem conhecê-la anteriormente, e mesmo não tendo espaço para ela no apartamento. Disse que durante um ano dormiu na sala do apartamento onde eles

⁹ Matilde, cabo-verdiana, graduada em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense, ingressou no curso no ano de 1995, concluiu em 1999, e regressou a Cabo Verde no ano 2000. Foi entrevistada durante pesquisa de campo em Cabo Verde com os estudantes egressos. Na época da entrevista, no final de 2004, ela tinha 28 anos e trabalhava como jornalista na Rádio e Televisão de Portugal (RTP) em Cabo Verde, Praia.



moravam sem poder se quer desarrumar a própria mala. Muitos estudantes entrevistados, recém-chegados, concludentes e egressos, seja cabo-verdianos, seja guineenses, durante seus relatos, também ressaltaram a solidariedade entre eles, se identificando, em alguns casos, como “irmãos”, categoria nativa que remete a noção de solidariedade, no sentido de ajuda, cuidado e companheirismo, como mencionado por Matilde. Ela ressaltou ainda que em Cabo Verde tem um termo em crioulo, *juntamon* (juntar as mãos), que simboliza a solidariedade entre os cabo-verdianos.

Quanto a este ponto, o artigo de Lobo (2010) sobre a mobilidade cabo-verdiana, e a circulação de crianças na Ilha da Boa Vista, amplia o entendimento do sentimento da solidariedade quando relaciona à mobilidade, o domínio do parentesco e a construção do significado da categoria família, mostrando que esse domínio não é necessariamente praticado no universo das relações consangüíneas. O que também percebi ocorrer em Guiné-Bissau, a partir da minha vivência na casa da Vânia, estudante guineense, que me hospedou durante a pesquisa de campo do mestrado, como também por meio dos relatos dos estudantes pesquisados ao falarem de suas famílias, irmãos, tios e primos. Lobo observou que na ilha da Boa Vista, em Cabo Verde, as relações familiares são caracterizadas por um “comprometimento mútuo, contatos sociais regulares e um fluxo constante de benefícios materiais e não-materiais [...] fundamentais para a construção do conceito de proximidade” (LOBO, 2010, p. 5). São trocados, entre casas vizinhas, e até mesmo entre indivíduos de ilhas distintas, bens, serviços, informações, refeições, sendo as crianças os principais mediadores entre as casas e as trocas. Segundo Lobo (2010), “bons vizinhos” ajudam a cuidar uns dos filhos dos outros, emprestam seus filhos para fazerem alguns “mandados”, afazeres cotidianos, bem como casam os filhos entre si quando não são parentes de sangue. Essas trocas, segundo a autora, fortalecem tanto os laços pré-existentes como ampliam o campo das relações assumidas como de parentes. Em Praia, na casa das estudantes cabo-verdianas, Ana (estudante egressa de João Pessoa) e da Djanira (estudante de Fortaleza), onde fiquei hospedada, durante o dia, havia uma grande circulação de crianças de outras casas que a Dona Conceição, mãe das estudantes, apresentava como sendo seus afilhados ou filhos dos vizinhos. As crianças maiores podiam se ocupar de pequenas tarefas como comprar um pão, um



refrigerante para o almoço e\ou com os afazerem da casa. Lá, morava também uma criança, filha de um parente de outra ilha, que a Dona Conceição criava.

A rede de solidariedade construída entre os estudantes em trânsito pode ser considerada uma ampliação desses costumes. “Fora de lugar”, eles se ajudam e cuidam uns dos outros se considerando como “irmãos”, mesmo que não sejam de fato parentes consanguíneos, e que ao voltar aos seus países não venham mais manter contato uns com os outros. Dessa perspectiva, o trabalho de Lutz (1988) acerca das emoções entre os Ifaluks permite articular os sentimentos de solidariedade, irmandade e saudade entre os estudantes como sentimentos complementares. Ela analisou o sentimento de *fago* como tendo o sentido de compaixão, amor e tristeza, mas não no mesmo sentido dado ao “amor romântico”, centrado no indivíduo, como analisado por Viveiros de Castro (1977) e sim como o cuidado que uma pessoa deve ter pela outra. Esse sentimento tem uma força moral, social e coercitiva, uma vez que a sociedade exige que as pessoas tenham *fago* umas pelas outras. Ele leva à ação, você tem que fazer alguma coisa por aquela pessoa que precisa, há uma pressão social que implica reciprocidade e respeito. Você tem *fago* pelos que mais precisam – crianças, velhos, pessoas doentes – ou por aqueles que têm dificuldades para se manterem sozinhos, como os que partem em viagem. O sentimento pelo viajante é de falta, de ausência daquela pessoa que tem uma importância e um lugar dentro da sociedade a que pertence como também de preocupação por ela vir a deparar-se sozinha, sem o apoio social e familiar. Nesse sentido o *fago* permite refletir sobre os sentimentos de irmandade, solidariedade e de saudade partilhados entre guineenses e cabo-verdianos, como sentimentos que fazem reafirmar vínculos e obrigações sociais ainda que em deslocamento, bem como a importância social que é dada ao regresso dos estudantes formados para ocupar um novo lugar na família e na sociedade, com o respaldo de uma formação superior que venha a contribuir para uma melhor qualidade de vida da família e desenvolvimento de seus países. No contexto de *transitoriedade* o sentimento de saudade e de solidariedade é um elo de ligação emocional entre os estudantes e o país de origem, afirmando o sentimento de pertencimento à nação de origem. Vivida e expressada de maneira específica entre eles, esses sentimentos marcam uma maneira singular de pertencer a um



determinado lugar, uma determinada sociedade, com distintas maneiras de expressar e experimentar as emoções.

Mas o *deslocamento* pressupõe também a possibilidade de um olhar diferenciado para si próprio e para o país de origem no contato com a alteridade (Hall, 2003). Problemas como inclusão e exclusão são cotidianamente vivenciados, experimentados, produzindo novas reconstruções de sentidos e novas maneiras de se sentirem guineenses e cabo-verdianos.

O relato de Talina¹⁰, cabo-verdiana entrevistada em Praia, ao falar de sua experiência de vida no Brasil, ressaltou o sentimento de rejeição associado à tomada de consciência do racismo, quando se viu como negra e estrangeira em Curitiba, tendo que lidar com preconceitos (MOURÃO, 2009, p.109).

O Brasil pra mim foi... Sabe o impacto que a revolução industrial teve no mundo? Eu costumo comparar isso comigo, na mudança como pessoa; eu fui fazer uma licenciatura, mas acabei por fazer muito mais. Foi uma experiência de vida e tanto. Os primeiros momentos foram conturbados, porque era a primeira vez que eu estava a sair daqui, cheguei num lugar que era Curitiba que, inicialmente, como é que eu digo? Sentí um pouco de recusa, mas acho que se passa com todo imigrante, quando tu és estrangeiro, tu não és do local, há sempre aquele distanciamento. Inicialmente, senti aquilo bem forte, porque nunca tinha sido rejeitada. O fato de ser rejeitada por ser estranha, por ser preta, causou alguma revolta, uma revolta inicial, mas depois eu comecei a dizer pra mim: 'tu tens um objetivo, tu vieste estudar'.

Em Cabo Verde Talina nunca havia se visto ou se pensado como estranha por ser negra, tampouco por ser estrangeira. Em Curitiba, isso foi dito a ela: “você não é daqui, você é negra”. Não é preciso dizer que o Brasil, um país com um passado igualmente de colonização portuguesa, mestiço e negro, que defende a democracia racial (FREYRE, 2000), com a negativa de racismo, na verdade construiu sua identidade nacional assentada em grandes contradições (FERNANDES,1978; DA MATTA,1981; CHAUI, 2001), resultando num vasto debate sobre processos intensos de discriminação e racismo. Cadijatu¹¹ (Cadi), estudante guineense, também disse ter sentido

¹⁰ Talina, cabo-verdiana, de 29 anos, graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) no ano de 2001. Chegou ao Brasil em 1997 e regressou a Praia, Cabo Verde, em 2001. Na época da entrevista, no final de 2004, ela tinha 29 anos e trabalhava numa organização não governamental.

¹¹ Cadijatu, guineense, de 27 anos, ingressou no curso de Administração da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará (FEAC/UFC) em 2001 e, durante as duas pesquisas, graduação e mestrado, ainda estava com o curso em andamento.



preconceitos. Relatou que os seus colegas de classe diziam não entender o que ela falava e que no início quase ninguém falava com ela: “Quando cheguei aqui foi horrível. Sempre que eu falava, perguntavam: ‘O quê?’ O pessoal não conseguia dizer meu nome. Quando cumprimentava as pessoas, nem olhavam pra mim.” O que Talina, cabo-verdiana, e Cadi, guineense, experimentaram, assim como outros estudantes também relataram ter sentido com o deslocamento, foi a inevitabilidade de um olhar mais aprofundado para si mesmos, para suas identidades étnicas, africanas e nacionais, implicando também em mais um fator promotor de união entre eles em contraste com a alteridade encontrada no Brasil.

Mas a *situação de trânsito* os colocava também frente às suas próprias diferenças identitárias como guineenses e cabo-verdianos, sendo o contraste não somente em relação aos brasileiros. Isso, considerando ainda as diferenças internas aos próprios grupos formados apenas por guineenses ou apenas por cabo-verdianos. Embora, tentassem amenizar as diferenças, se unindo e se denominando, muitas vezes, como uma “comunidade africana em Fortaleza”, faziam-no de forma estratégica, manipulando suas identidades – tanto no sentido dado por Bourdieu (1989) como no proposto por Carneiro da Cunha (1985, 1986) de “estratégias de diferenças” –, ao entrarem em contato com diferenças culturais¹² ainda maiores, e com situações que afirmavam a sua não pertença ao Brasil. Este foi um dos pontos centrais na análise acerca das construções de identidades e nacionalidades em trânsito, especialmente ressaltados na pesquisa de monografia: a percepção de que dependendo do contexto podiam se unir em redes de “solidariedade” mais amplas, dividindo moradia num mesmo apartamento guineenses e cabo-verdianos, fazendo festas organizadas em conjunto – especialmente as do Dia da África –, ou se separar, se distinguindo uns dos outros diante de suas próprias diferenças identitárias e nacionais (MOURÃO, 2004; BAESSA, 2005). Nesse caso, dividindo moradia exclusivamente estudantes guineense, ou estudantes cabo-verdianos, e organizando festas separadamente por grupos constituídos por suas nacionalidades específicas, como as festas em comemoração à independência de Guiné-

¹² Chamo a atenção para a questão da identidade cultural que, no sentido de Todorov (1999), não se limita às identidades nacionais; incluem-se outras, ligadas aos grupos pela idade, pelo sexo, pela profissão, pelo meio social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Bissau, realizadas por guineenses, e à independência de Cabo Verde, realizadas por cabo-verdianos, entre outras comemorações como as “balizinhas” (pequenas festas nas casas uns dos outros, sem um motivo específico, com a finalidade apenas de se reunir). Os eventos e festas, especialmente o do Dia da África, mesclam elementos de uma e outra cultura, tanto cabo-verdiana, guineense, como brasileira, ao mesmo tempo em que mantêm e reafirmam os laços afetivos e simbólicos com a nação de origem, atualizando tradições e costumes. Vale considerar que Durkheim (1996) já havia percebido a importância das cerimônias como elemento aglutinador e com a função de reanimar o grupo. São eventos rituais importantíssimos que falam da soberania, do fim da presença e da submissão ao governo central (Portugal) e atuam como importante referência à emergência da nação cabo-verdiana. Uma maneira de “matar a saudade” e reviver a nação estando fora dela – por meio da língua crioula, das músicas, das danças, das comidas, das vestimentas, das bandeiras impressas nos convites e nas roupas – mesmo que de forma idealizada, imaginada e ressignificada (SAHLINS, 1990) em outro contexto nacional e cultural (GUSSI, 1997).

Essas experiências, embora tenham sido vivenciadas por mim apenas junto aos estudantes em Fortaleza, também foram ressaltadas pelos estudantes egressos, durante as entrevistas. Quando se referiam às suas experiências de vida no Brasil, falavam de muitos dos mesmos problemas vividos pelos estudantes em Fortaleza, no entanto falavam com mais distanciamento do tempo vivido fora do país, com um pensamento mais organizado, elaborado, acerca dos problemas de adaptação, dos sentimentos de saudade e solidão, dos preconceitos e das mudanças que tinham ocorrido em suas vidas. Esse distanciamento não significa que falavam com menos intensidade de suas experiências de trânsito, de suas dificuldades e conquistas. Durante as entrevistas realizadas em Bissau e Praia, muitos deles se emocionaram ao falar do período que estiveram no Brasil, de suas diferenciadas experiências de vida nas distintas cidades onde moraram, revelando os diversos *Brasis* – as contradições na sociedade brasileira, e as diferenças de costumes, de comidas, de sotaques, de vestir, de dançar e de interagir de cariocas, paulistas, pernambucanos, cearenses, curitibanos, mineiros, baianos. O que ressaltou ainda mais a grande dificuldade de se falar de uma identidade essencial, seja uma identidade nacional “cabo-verdiana”, “guineense” ou “brasileira”, reforçando a



importância de definir o conceito de identidade como não fixo e não homogêneo (HALL, 2003), uma vez que toda construção de identidade, é sempre inacabada e em processo contínuo de construção e reconstrução. E, além disso, de poder desconstruir uma ideia de África como um todo homogêneo.

A diferença entre os recém-chegados a Fortaleza, os concludentes (prestes a se formar, já a bastante tempo fora de casa) e os egressos é que os retornados já haviam vivido o trânsito, não estavam mais deslocados. De volta aos seus países de origem, eles viviam outro contexto e, em seus relatos apresentaram uma visão muito mais positiva, saudosa e nostálgica do Brasil, daquele Brasil que conheceram através da vivência de um lugar específico – da cidade para onde foram. Dentre os egressos, os que haviam voltado há mais tempo e que já estavam readaptados, já re-inseridos na sociedade e adquirido seu espaço no mercado de trabalho em Cabo Verde e em Guiné-Bissau, tinham tido ainda mais tempo para refletir sobre o significado do trânsito em suas vidas, e sobre as mudanças que o deslocamento produziu em suas identidades. Já os recém-retornados aos países de origem, demonstraram passar por novos processos de adaptação, sentiam-se deslocados, só que agora em seu próprio país, em sua própria casa. Haviam recém-regressado à casa dos pais, muitas vezes, sem poder usufruir de um espaço reservado só para si, como normalmente conseguiam conquistar em seus apartamentos de estudantes no Brasil. Nesse caso, os sentimentos de estranhamento e inadequação haviam se invertido e o receio passava a ser do retorno, das expectativas que os familiares depositaram neles, de um novo processo de adaptação: procurar emprego, se re-inserir na sociedade, encontrar um novo lugar como cabo-verdianos e guineenses, antes diluído pela condição diaspórica. Em seus relatos falaram da dificuldade em ter que voltar novamente a viver sob o cuidado e a tutela dos pais, e que sentiam muita falta da maneira “descontraída dos brasileiros” – como poder ir para a aula de chinelo e bermuda, chamar o professor por ‘você’, da liberdade da vida de estudante e dos amigos que fizeram, alguns deles, ao longo de quatro a sete anos vivendo no Brasil. Isso sem falar nos estudantes que tiveram filhos no Brasil, alguns constituindo família com brasileiros (as) e/ou com guineenses e cabo-verdianos (as), entre outros. Eles tinham sido afetados pelo trânsito de forma que não mais se sentiam pertencer apenas aos seus países de origem, o Brasil havia ocupado um espaço



significativo de pertencimento em suas identidades, como foi expressado por Ulisses¹³: “O Brasil é como minha segunda pátria”. O que fez surgir um sentimento de saudade invertido de uma casa construída fora de Cabo Verde e de Guiné-Bissau. A experiência do deslocamento, o contato com a alteridade no Brasil, havia produzido uma ressignificação de suas identidades, e eles demonstravam a consciência desse processo. E isso foi observado tanto entre os estudantes egressos, quanto entre os estudantes de final de curso em Fortaleza. Ao viverem tanto tempo no Brasil os estudantes guineenses e cabo-verdianos, de formas diferenciadas, lançaram mão de novos códigos de interação, incorporando aos seus referenciais culturais novos referenciais, que eram vivenciados e ativamente apreendidos no cotidiano de suas relações sociais inseridos no novo contexto. Isso foi percebido nos gestos, nas maneiras de se vestir e de se identificar – “eu sou do Ceará”, “eu sou da Paraíba”, “eu sou da UFF”, “eu sou da USP”, “eu sou de Curitiba” –, bem como nos diferenciados sotaques ao falarem o português do Brasil, cada um misturando ao seu próprio sotaque (uma combinação do português de Portugal com o do Brasil, com línguas étnicas, no caso dos estudantes de Guiné-Bissau) o sotaque proveniente do estado do Brasil onde viveram. O uso do conceito ressignificação, nesse caso, é bastante apropriado, uma vez que no sentido dado por Sahlins (1990) ele aborda os processos de mudanças como ancorados em esquemas culturais pré-existentes, mas que podem incorporar novos elementos de forma a fazer sentido numa nova situação, sendo, portanto, ressignificados, que é o que ocorre com as identidades em trânsito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – projeto, emoção e subjetividade

A narrativa reforça o caráter público e social das emoções e a importância de analisá-las levando em conta a dimensão política dos “discursos emocionais” e dos contextos em que são acionados (ABU-LUGHOD E A. LUTZ, 1990), nesse caso, em situação de deslocamento. E um deslocamento que pressupõe um projeto de vida: à educação superior, como parte do projeto de desenvolvimento nacional.

¹³ Ulisses Santos, cabo-verdiano, 44 anos, se graduou em direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trabalha com advocacia em escritório particular em Praia.



Como definido por Velho (1994, 1981), o projeto refere-se à elaboração de um “campo de possibilidades” circunscrito histórica e culturalmente a partir de paradigmas culturais existentes numa determinada sociedade. Esse processo, segundo o autor, nunca é puramente subjetivo, existe sempre uma referência ao outro, ao social: “Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (VELHO, 1981, p. 26). E, segundo Velho, sem a consciência e valorização de uma “individualidade singular” como parte da trajetória e da biografia do indivíduo seria impossível a elaboração de projetos. Mas, é preciso ressaltar que a trajetória e biografia de um indivíduo sempre manterá relação com as biografias e trajetórias de outros indivíduos, com as circunstâncias envolvidas no “campo de possibilidades” que implicam, segundo o autor, “[...] reconhecer limitações, constrangimentos de todos os tipos” (VELHO, 1994, p. 103-104). E, embora a reflexão de Velho sobre projeto privilegie as sociedades modernas, complexas, onde o individualismo teve seu maior alcance ele não exclui a possibilidade de ocorrer projetos em sociedades holistas, hierarquizantes ou tradicionais, pois para ele em qualquer sociedade há “processo de individuação”, uma vez que o indivíduo tem um lugar e um papel social na sociedade em que vive.

Elites intelectuais em seus países, desde criança os estudantes guineenses e cabo-verdianos são socializados dentro da lógica da importância da formação superior para o destino deles próprios e de seus países. Sair do país para estudar fora é algo vivido como um destino: “sair, formar e voltar para retribuir”. Esse discurso, construído socialmente e naturalizado entre eles, incorpora os discursos nacionalistas que, historicamente, projetaram na educação uma alternativa para o desenvolvimento da nação e conseqüentemente do indivíduo, já que obter uma formação acadêmica é também uma maneira dos indivíduos ascenderem socialmente. O curso superior é além de um projeto de vida (individual), um importante projeto coletivo – social e nacional – que incentiva os indivíduos a saírem do seu país em busca de qualificação profissional superior para depois retornarem e contribuírem com a construção da nação.

Nesse sentido, embora dependa de importantes escolhas, esforços e sacrifícios individuais, o projeto tem uma grande dimensão social e coletiva que se impõe como um compromisso. Essas escolhas, com base na categoria de projeto, estão ancoradas na



biografia de cada um deles, em suas trajetórias individuais, familiares, mas também sociais. Pois, aonde ir e o que fazer depende tanto das expectativas individuais, gostos particulares e aspirações familiares – o que os pais esperam dos seus filhos e da graduação no exterior, levando em conta o país de destino, e a profissão que terão – como também do que é valorizado socialmente em seus países de origem, no mercado de trabalho cabo-verdiano e guineense, em termos de prestígio social e econômico.

Diante disso, concordo com Gusmão (2009, p. 19-20), quando afirma que o compromisso dos estudantes com o projeto nacional de desenvolvimento dos países nem sempre é um processo consciente, pois, parafraseando a autora, o que se ganha e o que se perde no trânsito ao permanecerem tanto tempo “fora de lugar” é um desafio tanto para as famílias e para os estudantes como para os governantes em seus países de origem. E com isso, resalto a importância dada por Velho (1994) ao reconhecimento das limitações que o “campo de possibilidades” impõe, uma vez que a construção da identidade depende da relação do projeto individual com o social – com os referenciais culturais específicos de uma determinada configuração social –, segundo ele, num processo interativo permanente entre indivíduo e coletividade.

Como estudantes conveniados, eles têm obrigações a cumprir com o país de acolhimento e com o país de origem o que particulariza o trânsito desses estudantes em relação aos processos de migração. Ao sair de seus países, os estudantes não têm idéia do que os espera, das dificuldades que irão enfrentar, dos importantes compromissos que estão assumindo, das mudanças que ocorrerão em suas vidas e em como o trânsito afetará profundamente suas subjetividades. Dessa forma, a proposta teórica do “contextualismo” elaborada por Abu-Lughod e Lutz (1990) para a análise das emoções é fundamental, uma vez que os discursos emocionais de pertencimento, união e solidariedade são acionados em contextos de demarcação de fronteiras entre grupos sociais distintos para marcar suas especificidades e reivindicar seu reconhecimento, assim emergindo da relação entre os interlocutores, e não apenas como construções histórico-culturais, considerando ainda as relações sociais e de poder (REZENDE E COELHO, 2010).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila & LUTZ, Catherine. "Introduction: Emotion, Discourse, and the Politics of Everyday Life" In: ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine (orgs). *Language and Politics of Emotion*. New York, Cambridge University Press, 1990.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BAESSA, V. S. Manuel Jorge. *Estudantes Africanos: um estudo sobre o conflito e a cooperação entre os estudantes cabo-verdianos e guineenses em Fortaleza*. Monografia, Fortaleza – CE: Universidade Federal do Ceará, 2005. (Mimeo.).
- BARNES, J.A. "Redes sociais e processo político" in: Feldman-Bianco, Bela (org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas*. Métodos. São Paulo: Global, 1987, p. 159-189.
- BOURDIEU, Pierre. "A identidade e a representação – elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região" in: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989, cap. V, p. 107-131.
- CAPINHA, Graça. "A poesia dos imigrantes Portugueses no Brasil: *ficções críveis no campo da(s) identidade(s)*" in: Feldman-Bianco, Bela & Capinha, Graça (orgs.) *Identidades estudos de cultura e poder*. São Paulo: HUCITEC, 2000, p. 107-148.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Negros, estrangeiros*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____, "Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*" in: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil mito fundador e sociedade autoritária*. 4.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CUCHE, Denys. "Cultura e identidade". in: *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru – SP: EDUSC, 1999, cap. VI, p.175-202.
- DA MATTA, Roberto. "Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira." In: DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981. pp. 58-85.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978. vol. 1.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 39.ed.. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.



- FONSECA, Dagoberto José. “A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil”. *Pro-Posições – Dossiê Ensino superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal – UNICAMP*, v.20, n. 1 (58) – jan./abr. 2009.
- GUSSI, F. Alcides. *Os norte-americanos (confederados) do Brasil: identidades no contexto transnacional*. Campinas – SP: UNICAMP, 1997, (Coleção Tempo & Memória).
- GUSMÃO, Neusa. “Apresentação”. *Pro-Posições – Dossiê Ensino superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal – UNICAMP*, v.20, n. 1 (58) – jan./abr. 2009.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.
- _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. LIV SOVIK (org.) Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LOBO, Andréa. “Vidas em Movimento”. Artigo apresentado na 27ª Reunião de Antropologia - Ago. Belém-PA, 2010, p. 1-15.
- LUTZ, Catherine. *Unnatural Emotions*. Chicago, University of Chicago Press, 1988, cap. III e V.
- _____; WHITE, Geoffrey. The Anthropology of Emotion. *Annual Review of Anthropology*, n. 15, p. 405-436, 1986.
- MAUSS, Marcel. “O ensaio sobre a dádiva” in: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974, v. II.
- MOURÃO, Daniele Ellery. *Identidades em Trânsito: África “na pasajen” identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas*. Campinas: Arte Escrita, 2009.
- MOURÃO, Daniele Ellery. *Identidades em trânsito: um estudo sobre o cotidiano de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza*. Monografia, Fortaleza – CE: Universidade Federal do Ceará, 2004. (Mimeo.).
- ORTNER, Sherry. *Geertz, subjetividade y conciencia posmoderna*, en Etnografías contemporâneas. Año 1, nº 1. p. 25-54. Buenos Aires, UNSAM, 2005.
- REZENDE, Cláudia. *Retratos do Estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- _____. “Stereotypes and National Identity: experiencing the “emotional brazilian”” in: *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 15:103-122, 2008.
- REZENDE, Claudia e COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ROSALDO, Michelle. “Toward an Anthropology of Self and Feeling”. In: Richard Shweder and Robert LeVine (orgs.) *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p.137-57.
- SAHLINS, Marshall. “Introdução” in: *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

VELHO, Gilberto. “Memória, identidade e projeto” in: *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. “Projeto, emoção e orientação em sociedade complexas” in: *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. "Romeu e Julieta e a Origem do Estado". In: Gilberto Velho (org.) *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.